BELA, RECATADA E DO L/BAR: O IMAGINÁRIO DA MULHER NA
CONTEMPORANEIDADE

Ceres Carneiro¹

Elaine Pereira Daróz²

RESUMO: Nosso trabalho de investigação se realiza tendo como aporte teórico-metodológico a Análise de discurso de linha francesa, objetivando uma análise dos efeitos de sentidos do enunciado “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, título de uma entrevista dada à revista *Veja* pela então pretensa primeira-dama do Brasil, que circulou amplamente, em abril de 2016. A matéria causou um sem número de reações de brasileiros e brasileiras, derivando sentidos que se materializaram em postagens de internautas nas redes sociais. Considerando que os sentidos se regularizam na formação social por um embate que se estabelece na e pela língua, entendemos que tais discursividades nos têm muito a dizer sobre o imaginário da mulher (a ser regularizado) no discurso político na/em nossa formação social. Em contrapartida a essa ilusão de evidência dos sentidos, discursivamente compreendemos que inerente às palavras, às histórias da palavra, às memórias dos fatos e dos dizeres, há uma plurivocidade de sentidos que deslizam numa cadeia de significantes ao encontro do sujeito banhado de linguagem, clamando por significar. Apresentaremos, a partir de um gesto de interpretação, uma análise discursiva dos dizeres em circulação na mídia, em seus diferentes espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2000), levando em consideração as repetições e/ou deslizamentos destes sentidos nos dizeres outros dispostos nas redes sociais a partir das condições sócio-histórico-ideológicas em que estas discursividades foram produzidas em suas posições-sujeito por vezes distintas. Neste gesto de interpretação, buscamos uma melhor compreensão do lugar da mídia na regularização dos sentidos na formação social, a partir de uma desnaturalização de sentidos sobre a mulher no discurso político, relativamente estabilizados no discurso midiático, em detrimento de sentidos outros por vezes silenciados.

Palavras-chave: análise de discurso; mulher; imaginário; mídia.

ABSTRACT: Our research work is carried out having as a theoretical-methodological contribution the Analysis Discours French line, aiming at an analysis of the effects of the senses of the statement "Marcela Temer: bela, recatada e do lar", title of an interview given to *Veja* magazine by her, considered the future first-lady of Brazil. This interview was largely circulated in

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. (cerescarneiro@gmail.com).

²Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense. (lainedaroz@gmail.com).

April 2016, provoking a number of the reactions among Brazilians, me and women, which effects of senses were materialized in postings on social media on internet. Considering that discourses are regularized by dispute of senses inside the language, we realize that such discourses have much to say to us about the imaginary of woman position (to be established) inside the political discourse in the Brazilian social formation. Then, we presented in this paper some analysis of speeches in circulation on media in different enunciation spaces (GUIMARÃES, 2000), taking into repetitions and/or slides of senses presented inside these discourses arranged in the social networks from the different socio-historical and ideological conditions in which these discursivities were produced in their different subject positions. Through this gesture of interpretation, we propose a better understanding of the place of media in the regularization of senses regularized concerned with the imaginary of the place of woman inside the political discourse, relatively established in the media discourse, sometimes silenced in the Brazilian social formation.

Keywords: analysis discourse; woman; imaginary; media.

Inúmeras discursividades sobre a posição da mulher são postas em circulação, conferindo-lhe um lugar pré-determinado na formação social. Tais discursos nos remetem frequentemente a um imaginário sobre a mulher, que sob uma aparente evidência, silenciam sentidos outros possíveis sobre e para a mulher na contemporaneidade.

A partir dos estudos de Pêcheux empreendidos no estabelecimento da Análise de Discurso como disciplina ([1969]1997, 1999, [1975] 2010) compreendemos que os discursos, concebidos como “efeitos de sentidos” (PÊCHEUX, 1969), se movimentam numa arena tensa, com vistas à relativa estabilização de determinados sentidos com vistas à sua regularização. A partir de uma rede de filiações ideológicas, a mídia não se furta ao embate de forças e atua na luta pela regularização de determinados sentidos, e não outros, a fim de estabelecer uma memória sobre a mulher na atualidade.

Neste trabalho³, tomamos como aporte teórico-analítico a

---

³ Esse artigo decorre, basicamente, de nossa apresentação do trabalho intitulado “*Bela, recatada e do lar? O discurso político e o imaginário da mulher na atualidade*”, no painel

Análise de Discurso de linha francesa, objetivando uma análise dos efeitos de sentidos do enunciado “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, título de uma entrevista dada à revista *Veja* pela então preta primeira-dama do Brasil, que circulou amplamente, em abril de 2016. Ao tomá-lo como objeto do nosso estudo, temos atenção aos modos como tais sentidos se constituem, uma vez que tal enunciado emerge em meio ao período político conturbado no país.

Ao supor a presidência interina de Michel Temer, em uma edição extra (nº 2.474), de abril de 2016, sobre a votação do *impeachment* da, então, Presidenta do Brasil Dilma Rousseff, ocorrida na Câmara dos Deputados, a revista *Veja* publicou um artigo sobre quem seria a futura primeira-dama do país. O título da matéria “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” causou um sem-número de reações de brasileiros e brasileiras.

Considerando que os sentidos se regularizam a partir de relações de poder que se estabelecem na e pela língua, analisaremos, ainda, alguns discursos outros advindos deste enunciado, e postos em circulação no ambiente virtual a partir de *memes* de *Facebook*. Entendemos que tais discursividades nos têm muito a dizer sobre o imaginário de mulher (a ser regularizado) no discurso político em nossa formação social, proporcionando-nos uma melhor compreensão do lugar da mídia na regularização dos sentidos acerca da mulher na formação social.

Buscamos compreender tais efeitos, analisando discursivamente algumas postagens de internautas divulgadas em redes sociais, logo, extraídas de materialidades significantes distintas e que derivaram sentidos outros, em circulação na mídia eletrônica, a despei-

---

temático O QUE SE PODE, O QUE SE DIZ E O QUE SE DEVE DIZER NO BRASIL/2016, durante o Segundo Congresso Internacional de Estudos do Discurso e nas Sextas Jornadas Internacionais de Análise do Discurso, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, em outubro de 2016.

to da sequência “bela, recata e do lar”.

Neste gesto de interpretação, levamos em consideração as repetições e/ou deslizamentos destes sentidos nos dizeres outros dispostos nas redes sociais, tendo em vista os diferentes espaços de enunciação (GUIMARÃES, 2007) em que estas discursividades foram produzidas. Para tanto, trabalhamos na confluência entre a materialidade linguística, intrinsecamente passível de jogo, e a materialidade discursiva, inscrita numa rede de filiações histórica e ideologicamente marcadas.

Começamos nossa análise pelo título (e subtítulo) do artigo que deu origem ao nosso estudo: ***“BELA, RECATADA E ‘DO LAR’”: A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice.***

Figura 1

Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Não podemos deixar de mencionar, primeiramente, o uso da palavra “quase” para definir quem é Marcela Temer: esposa do “quase” futuro presidente do Brasil. Assim, a Revista antecipou o aconte-

cimento do *impeachment* da, então, presidenta Dilma Rousseff.

Chama-nos atenção, ainda, que os atributos da então possível futura primeira-dama se somam aos apelidos íntimos que se marcam, “MAR” de Marcela, do “MI”, e aos “jantares românticos” cuidadosamente descritos na reportagem para a vida do casal, trazendo-nos à memória de uma união bem-sucedida e, portanto, permanentemente feliz.

A imagem que a revista formou e forma não apenas sobre a política brasileira, mas também sobre a mulher se evidenciou nesse e em outros tantos textos formulados e publicados anteriormente. De-la-Silva & Lunkes (2014), a partir de seus estudos sobre o imaginário da mulher divorciada construído pela Revista *Veja*, é o de que a mulher “descasada” é “solitária”, “sofredora” e “fracassada”. Corroboram, assim, a formação da imagem de um feminino romântico, inoperante e frágil. A palavra des-casada é recorrente nas matérias analisadas pelas autoras: marcam com o prefixo *des* (negação) a ausência, a falta de algo/alguém, a incompletude de uma mulher sem marido. A felicidade e a plenitude, pois, só podem ser atingidas a partir do casamento. A antítese entre a mulher casada e descasada fica, assim, evidenciada: Marcela Temer é casada, feliz e bem-sucedida; Dilma Rousseff é descasada, solitária, sofredora e fracassada.

A mulher [...] precisa de amor, [...] não aceita viver sem este afeto, A imagem da mulher constitui-se, assim, na alternância entre o desejo de aceitação social e a busca pelo amor do outro, o que não deixa, igualmente, de implicar a aceitação social (2014, p. 147).

As qualificações que *Veja* imputa a Marcela, inspiradas na descrição que a irmã faz dela, se referem, em parte, as suas atribuições de mulher (esposa, mãe e do lar), em parte, as suas características

físicas e comportamentais (bela, jovem, sonhadora e recatada). Há uma recuperação de algumas características femininas que foram tidas como padrão, por séculos, em múltiplas sociedades ocidentais. Dizeres anteriores sobre o ideal de mulher foram recuperados, pois a memória, segundo Pêcheux (1999, p. 56), é “um espaço móvel [...] de deslocamentos, de retomadas, de desdobramentos, [...] de réplicas, de polêmicas.” A mulher era criada, como disse Woolf (1996), para ser compassiva; encantadora; abnegada; executar, com primor, as tarefas domésticas e se sacrificar, diariamente, em prol da família, deveria ser, portanto, BELA, RECATADA e do LAR.

Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele). [...] Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”.⁴

Compreendemos que esses dizeres sobre a pretensa primeira-dama direcionam os sentidos para a regularização de uma imagem sobre a mulher atual, intrinsecamente relacionada à posição que ela deve ocupar na formação social.

Na compreensão do sujeito como representação imaginária, de acordo com Pêcheux ([1969]1997) o sujeito se posiciona no discurso, a partir do mecanismo de antecipação, em que estão presentes as relações de força diretamente relacionadas regras de projeção, produzindo imagens de acordo com os lugares sociais do sujeito na produção do discurso. O espaço, para *Veja*, a ser ocupado pela mulher, parece, ainda ser o doméstico, o privado; o espaço, conforme

⁴Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 19 Feb 2017.

menção Bourdieu (2014) do vilarejo, da casa, dos utensílios. As características de Marcela, transmitidas como virtudes, seriam, ou deveriam ser, a do senso comum, definido aqui como “o conjunto das opiniões geralmente admitidas, numa época e num meio dados que rege a vida cotidiana e as relações interpessoais e carrega, implicitamente, a ideia de normalidade, de horizonte regulador” (LAGAZZI, 1988, p. 30). O imaginário construído do feminino por *Veja* colabora, de certa forma, com a construção do imaginário sobre Michel Temer. Primeira-dama ideal/Presidente ideal.

Dela-Silva (2008, 2011, 2015), em seus estudos acerca do lugar da mídia na regularização de sentidos e, em especial, no que concerne ao imaginário de *Veja* sobre a mulher divorciada (2014), afirma que a *Veja*, como um arquivo, “nos apresenta um recorte de acontecimentos alçados à condição de acontecimentos jornalísticos pela revista, a partir de sua posição ideológica de imprensa de referência” (DELA-SILVA, 2014, p.138). Legitimada por uma chancela institucional, a revista traz à cena um imaginário sobre a mulher na contemporaneidade a partir de um efeito de evidência dos sentidos e suposta neutralidade.

Em uma desconstrução do efeito de naturalização da relação direta entre representação e imagem, para a autora (DELA-SILVA, 2015, p.4), enquanto

a imagem, produto de uma relação imaginária do sujeito com o mundo, via linguagem, concorre com outras no processo discursivo [...] a representação tende ao efeito de estabilização de sentidos [...] como resultante de um processo de estabilização de imagens, trabalho da ideologia, que produz em uma formação social o efeito de naturalização dos sentidos.

Pelo viés da repetibilidade, os efeitos de sentidos postos em

circulação no discurso da *Veja* visam à regularização dos sentidos acerca do que pode e deve ser dito-lembrado sobre a posição da mulher no seio da formação social com vistas a uma representação de mulher na contemporaneidade, a partir dos mecanismos de antecipação e regras de projeção resultantes do jogo de imagens constitutivo do sujeito para a produção do seu dizer (PÊCHEUX, [1969] 1997).

O dizer sobre a mulher constitui a imagem, fruto do funcionamento da ideologia, que a Revista *Veja* faz de si própria, da mulher e a projetada para o seu leitor, sustentada por um já-dito sobre a mulher. Em contrapartida ao efeito de obviedade que se marca no discurso da *Veja* sobre a mulher, discursivamente compreendemos que é próprio da (a)língua falhas, equívocos, deslocamentos, deslizamentos, suscitando efeitos de sentidos outros sobre a mulher atual, inscritos social, histórico e ideologicamente por sujeitos, em diferentes condições de produção e posições (DELA-SILVA & LUNKES, 2014).

A tomada de posição do sujeito é, por sua vez, compreendida por Pêcheux ([1975] 2010) a partir das relações que se estabelecem entre o “sujeito da enunciação” e o “sujeito universal” que, inscrito historicamente, se marca no discurso a partir de discursos transversos e pré-construídos em suas diferentes modalidades.

Discursivamente, o sentido só se produz pela relação do sujeito com a forma-sujeito do saber, o sujeito universal, possibilitando a fragmentação na relação de identificação do sujeito com a formação discursiva, isto é, entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (PÊCHEUX [1975] 2010). Nessa relação, segundo o autor, a identificação, se realiza a partir de uma superposição do sujeito enunciador e sua forma-sujeito, corroborando os sentidos inscritos no sujeito universal por uma reprodução dos sentidos. Em contrapartida, a desidentificação se marca por uma ruptura dos saberes/sentidos expressos no

sujeito universal, derivando uma nova forma-sujeito. A contraidentificação, por sua vez, se dá por meio do confronto de determinados saberes, promovendo deslizamentos/deslocamentos para sentidos outros possíveis de acordo com diferentes posições.

As redes sociais trouxeram dizeres que demonstram uma contraidentificação com a mulher ideal e exemplar descrita por *Veja*, abrindo possibilidades de o sujeito resistir e/ou deslocar, no/e pelo jogo da língua, sentidos ali inscritos ideologicamente e, com isso, levar “para o interior da formação discursiva o discurso-outro, a alteridade” (SILVA, 2015, p. 8), instaurando nela uma nova posição-sujeito e uma heterogeneidade. Afinal, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.” (PÊCHEUX [1975]2010, p. 53). A mulher ideal e exemplar apresentada por *Veja* não é a mesma dos leitores que produziram os *memes* aqui analisados.

Nas primeiras duas imagens apresentadas nesse artigo, pudemos perceber uma contraidentificação como sendo o espaço doméstico, do LAR, o reservado à mulher. Nos *memes* elas ocupam o espaço, marcadamente, do masculino: o público. Ela é do LAB, do BAR. A mulher trabalha fora, tem um salário; sai para beber e conversar, é desbocada. O bar tem um funcionamento similar ao da “ágora”, na Grécia antiga, onde os homens participavam dos debates, tomavam, assim, publicamente a palavra. Ao substituir ‘lar’ por ‘bar’, ou por ‘lab’, e ‘recatada’ por ‘desbocada’ há um deslocamento de sentidos.

Figura 2

Fonte: robertacarrilho-div.blogs
pot.com.br/2016/04/belarecatadad
olar-uma-ova-by-roberta.html

Figura 3

Fonte: twitter.com/artes_depressao/sta
tus/722828794705281024

Nas duas imagens seguintes, a contraidentificação se refere ao comportamento de Marcela Temer. Por meio das fotos, o recatamento atribuído (e elogiado) à, então, “quase” primeira-dama é antagonizado, ironizado. As imagens das mulheres estão desassociadas à frase migrada da matéria em questão: “bela, recatada e ‘do lar’”. A pose da empregada doméstica (ou do lar) nos remete a uma mulher desavergonhada, voluptuosa, devassa... A imagem da mulher armada, a uma mulher desmesurada, temerária, audaciosa... Em ambos os *memes*, as características das mulheres não representam, absolutamente, pessoas recatadas.

Os *memes* e a Revista não falam, portanto, da mesma mulher, falam de diferentes lugares. Não tratamos aqui de uma idealização/representação de mulher na e para uma formação social, mas de deslocamentos promovidos por diferentes posições-sujeito que, ao enunciarem, fazem emergir sentidos outros possíveis para a mulher contemporânea.

Figura 4

Fonte: madbitchesblog.wordpress.com /2016/05/11/bela-desbocada-e-do-bar/

Figura 5

Fonte: revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia/2016/04/geisy-arruda-posta-meme-e-reforca-campanha-bela-recatada-e-do-lar.html

Enquanto as imagens anteriores enalteceram a imagem da mulher independente, que frequenta a rua, destemida, nas próximas imagens, retomou-se à construção da mulher bela, jovem e ambiciosa que casa com um homem mais velho e bem-sucedido para ascender socialmente, da mulher “golpista”, interesseira, dependente. O próprio casal Temer é trazido como exemplo, de forma a desfazer a imagem de casal harmonioso e exemplar exibido no artigo de *Veja*. Os pontos de interrogação após “bela”, “recatada” e “do lar”, palavras expostas triangularmente, criticam não só da primeira-dama como a de outras mulheres jovens e belas que casam com homens ricos e bem mais velhos, ratificado pelo *meme* com a imagem do casal Cunha, em que a locução “do lar”, é substituída por “dólar”.

Um já-dito sobre mulheres que dependem do marido “para se dar bem”, e sobre homens vaidosos que trocam as primeiras esposas por outras bem mais novas foi recuperado. Conforme nos traz Magalhães (2011), a força de trabalho da mulher foi por séculos e séculos produzida e reproduzida no espaço doméstico. O patriarcado prevê a

família como o “núcleo primeiro de reprodução da moral e das normas (ideologias) sociais” (MAGALHÃES, 2011, p. 69). O casamento, assim como a manutenção da estrutura familiar, não foi só o apogeu da realização feminina, mas o caminho único para garantir a sua ascensão social.

Figura 6

Fonte: google.com.br/search?q=belarecatadae+dólar+memes

Figura 7

Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/QvEw1jnf-c/maxresdefault.jpg>

Em consideração ao questionamento da transparência da linguagem e evidências dos sentidos, um dos pilares da Análise de Discurso, compreendemos que os discursos são constitutivamente contraditórios, uma vez que se estabelecem pela modalidade de divisão (PÊCHEUX, 2000). Embora as nossas análises dos *memes*, até aqui apresentadas nas figuras 2 a 7, se marcam pela presença da contraindificação aos sentidos propostos pela *Veja*, “Bela, recatada e do lar”, observamos que ela não se dá por completo, uma vez que em todos os deslocamentos produzidos pelos *memes* em destaque, o sentido de Bela não desliza, ainda que questionado em determinado momento na figura do próprio casal Marcela e Michel Temer, expresso na Figura 7.

Em janeiro de 2017, a revista *Veja* (edição nº 2511) trouxe estampado na capa o rosto, da agora, primeira-dama, acompanhado da manchete “*Marcela Temer a aposta do governo*”. Ao ler a matéria,

nos detivemos ao seguinte fragmento:

Os cuidados tiveram efeito contrário. Em praticamente todos os eventos aos quais compareceu, Marcela chamou atenção, despertou curiosidade e, mesmo sem pronunciar uma palavra, produziu o que os marqueteiros chamam de “uma agenda positiva”. Os assessores do presidente Temer decodificaram esses sinais. Perceberam que a ressurreição da figura da primeira-dama pode ajudar a melhorar a imagem do governo, e agora querem alçá-la ao papel de protagonista.⁵

A revista apresentou depoimentos de assessores e “marqueteiros” que “apostam” ser a imagem da “Bela” uma cartada necessária para melhorar a imagem do impopular Presidente. Os mesmos dizeres sobre o que seriam as “qualidades” de Marcela, apontadas em abril de 2016, continuam ressoando. A beleza, a retidão e silêncio de Marcela são enaltecidos e tratados decisivos na construção de uma nova imagem do governo. “Michel Temer é um homem de sorte”: assim é encerrado o artigo.

Tal fato nos faz pensar, ainda, sobre um ideal de beleza, para a mulher, regularizado em nossa formação social, muitas vezes associado ao binômio sucesso/felicidade, e seu contraponto, fracasso/infelicidade. Tais sentidos se marcam, inclusive, nos questionamentos à imagem da então presidente Dilma Rousseff, frequentemente exposta a críticas nas redes sociais por seu modo peculiar de se vestir e se portar frente aos seus pares e imprensa⁶.

Em um gesto de desnaturalização dos sentidos até aqui apresentados, a última imagem, por nós analisada, foi escolhida para encerrar nossa análise não só porque recupera o saber de que a leitura

⁵<http://veja.abril.com.br/edicoes/2511/>

⁶Embora esta temática não seja o objeto de estudo em nosso presente trabalho, consideramos relevante apontar esses sentidos até aqui encobertos, oportunizando possibilidades para novas pesquisas em andamento.

é libertadora, mas também por apresentar uma possibilidade de as mulheres desconstruírem imagens e dizeres cristalizados sobre a posição-sujeito de submissa, frágil, inferior, doméstica, dependente que corroboram os pressupostos ideológicos ainda dominantes e hegemônicos da família feliz, patriarcal, nuclear, e exemplar, definidos por Ariés (1978). A mulher intervém no seu “querer” e não apenas reproduz quereres pré-construídos, regularizados e admitidos. As fronteiras das formações discursivas são rompíveis e imagens outras sobre/da mulher, ainda que dentro de um mesmo contexto sócio-histórico podem ser (e são) constituídas.

Figura 8

Fonte: br.pinterest.com/pin/393431717430648365/

Considerações finais

Sob o efeito de evidência dos sentidos e transparência da língua(gem), os sentidos que circulam na revista *Veja* funcionam como arquivo de uma memória acerca da mulher atual a ser regularizada em nossa formação social. Na relação intrínseca entre memória-esquecimento, na e pela qual os sentidos se fixam na formação social, de acordo com Romão (2011), o arquivo “funciona como montagem de memória que a partir de diferentes materialidades que, por um efeito de inteireza, passa a conferir-lhes, pela interpelação ideológica, uma ilusão de evidência dos sentidos. A memória de arquivo regula o que deve ser dito e o que deve ser lembrado, cujos sentidos reverberados nos discursos em questão ancoram-se no irrepetível da

língua, uma vez que se inscrevem em distintas posições dos sujeitos no discurso, diretamente relacionadas às imagens dos sujeitos e seus lugares sociais, a partir de condições de produção específicas.

A formação imaginária que *Veja* constitui para a mulher diz do imaginário que a revista faz dessa mulher: a imagem, antecipada do ideal de mulher que *Veja* projeta/espera em seu leitor. Efeitos são produzidos e sentidos naturalizados quando tais dizeres retomaram já-ditos sobre as mulheres relacionados à hierarquia (dominação/submissão) entre os gêneros. A Revista repete aos sujeitos-mulher (leitoras) que Marcela Temer é o sujeito-mulher exemplar. *Veja*, dessa forma, atualiza sentidos sobre a mulher “correntes em nossa formação social” (DELA-SILVA & LUNKES, 2015, p. 01).

A contraidentificação dos leitores evidenciada por esses *memes* (e outros tantos divulgados na internet) indica, pois, o surgimento de uma nova posição-sujeito dentro da formação discursiva. Ainda que *Veja* faça circular saberes sobre o ideal de mulher a casada, doméstica, recatada, silenciada, bela, o “bibelô”, houve pontos de resistência que desestabilizaram sentidos homogeneizados, trazendo outro ideal de mulher: não-casada, independente, destemida, sensual, extrovertida.

No entanto, as regularidades sobre os sentidos para Bela, que insistem e retornam nas discursividades que circulam nas redes sociais, nos apontam não apenas para silenciamentos sobre o imaginário de mulher na contemporaneidade, de que o seu lugar na formação social está diretamente relacionado à beleza como o seu atributo “primordial”, como também nos dizem sobre a relação intrínseca entre história e memória, que se estabelece a partir de um embate de forças entre memória/atualidade a partir de uma reprodução de determinados sentidos, em detrimentos de outros sobre a posição da

mulher na nossa formação social.

Por esse viés, compreendemos que a mídia atua não apenas como vetor de circulação de dizeres aparentemente dispersos, mas se constitui como um lugar de produção de subjetividades (DELA-SILVA, 2015), na medida em que atua como elemento norteador na formação social, interpelando os sujeitos, na e pela lingua(gem), a partir da instauração de demandas a fim de satisfazer às necessidades das formações ideológicas vigentes com vistas à manutenção/sustentação do poder.

Esperamos ter ampliado a compreensão do lugar da mídia na regularização dos sentidos na formação social, a partir de uma desnaturalização de sentidos sobre a mulher no discurso político, relativamente estabilizados no discurso midiático, em detrimento de sentidos outros, por vezes, silenciados. As descrições feitas por nós, claro, continuam abertas para outros gestos de interpretação.

Referências

- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- DELA-SILVA, S. & LUNKES, F. L. E o casamento acabou: uma análise do arquivo de Veja sobre o imaginário da mulher divorciada. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 135-148, 2014.
- DELA-SILVA, S. C. **Sobre a mídia e os seus arquivos**: o sujeito mulher como acontecimento jornalístico. anaisdosead.com.br/7SEAD/SIMPOSIO03/SilmaraDelaSilva.pdf, 2015.
- GUIMARÃES, E. R. J. Política de línguas na linguística brasileira. In:

ORLANDI, E. P. (Org) **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988.

MAGALHÃES, B. **Contradição Social e Representação do Feminino**. Maceió: EDUFAL, 2011.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. [1975] **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2010.

_____. **Remontemos de Foucault a Spinoza**. Trad. Brasileira de GREGOLIN, M.R. Campinas: Unicamp/Mimeo, 2000.

REVISTA VEJA. Marcella Temer: bela, recatada e do lar. Disponível em <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em 19 fev 2017.

ROMÃO, L.M.S. **Exposições do Museu de Língua Portuguesa**: arquivo e acontecimento e(m) discurso. São Carlos. Pedro & João Editores, 2011.

SILVA, D. S. da; EFKEN, K. H; AZEVEDO, N. P. G. de. Uma análise das formações discursivas do discurso de membros da igreja evangélica assembleia de Deus. **Revista Trama**- Volume 11, número 22, 2º Semestre de 2015.

WOOLF, V. **Women & Fiction**. In: Virginia Woolf on Women & Writing. Great Britain: The woman's Press, 1996.

Recebido em 06/03/2017

Aceito em 12/04/2017